

MUDANÇAS NA PROGRAMAÇÃO DA TV ABERTA COM A COVID-19: OS EFEITOS DAS REPRISES DE *FINA ESTAMPA* E *APOCALIPSE*¹

Augusto Machado da Rosa²

Resumo: Com a pandemia do novo coronavírus as emissoras, Rede Globo e Record TV, se viram obrigadas a reprisarem as suas telenovelas *Fina Estampa* e *Apocalypse*, respectivamente. Com isso, este artigo científico busca conhecer e identificar como foi para os telespectadores esta nova apresentação das novelas supracitadas e quais as memórias teleafetivas compartilhadas por eles. Para chegarmos aos objetivos utilizamos o *Twitter*, para coletar compartilhamentos e opiniões das suas audiências, nos dias das suas estréias. Além disso, autores como Wolton (1996), Bressan Junior (2017), Paternostro (1999), Eco (1984), Cannito (2009), como embasamento científico para esta pesquisa. Em geral, percebemos que *Fina Estampa* obteve um resultado mais positivo em relação à reapresentação, com muitos elogios e também memórias teleafetivas destacadas por seus telespectadores, isto acontece, por três motivos, relevância, qualidade e tempo de apresentação. Para chegarmos a esta conclusão, foi utilizado análise de conteúdo de Bardin (2011).

Palavras-chave: Memória. Memória Afetiva. Televisão.

1 Introdução

A sociedade como um todo discute e assiste televisão, seja de forma técnica analisando os fenômenos proporcionados por ela ou ainda o conteúdo transmitido. Prova disso são os incontáveis livros e artigos publicados, que giram em torno da TV. Até a sua consolidação e popularidade, foram necessários diversos estudos e avanços da tecnologia. Um importante marco para este ramo é o fim da Segunda Guerra Mundial, onde ela se consolidou na maioria dos países e, além disso, já foi considerada como meio de informação e comunicação de massa.

Toda esta irreverência e sucesso dar-se-á levando em consideração que a televisão reflete a sociedade. Prova disso, é Paternostro (1999, p. 14), que discorre “em geral, podemos expressar a visão da televisão pelo seu realismo [...] a televisão pode ser considerada uma janela transparente sobre o mundo, ou um espelho, que auto-reflete a realidade para nós mesmo”

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Jornalismo, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pelo professor Dr. Mário Abel Bressan Junior.

² Augusto Machado da Rosa. E-mail: augustomachador@hotmail.com.

Atualmente, os telespectadores a utilizam para se manter bem informado e claro, se entreter. No quesito entretenimento, a televisão apresenta um leque de possibilidades para todas as idades, gêneros e gostos pessoais, como por exemplo, *reality show*, filme e telenovela.

As telenovelas são obras que exigem alta tecnologia e investimentos, mesmo sabendo que seu sucesso não é garantido. No Brasil as principais emissoras que produzem novelas são a Rede Globo, Record TV e Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Para o presente artigo utilizaremos duas delas, Rede Globo e Record TV.

Nestas grandes produções o contato entre as pessoas é inevitável e com a pandemia do novo coronavírus, que chegou ao Brasil em 26 de fevereiro de 2020, as gravações da maioria dos programas foram interrompidas. Com as novelas *Amor de Mãe* e *Amor Sem Igual*, transmitida pela Globo e Record respectivamente, não foi diferente. E para driblar a crise instaurada pela pandemia, as emissoras decidiram reprisar obras que fizeram sucesso na sua primeira apresentação. A Rede Globo decidiu reapresentar *Fina Estampa*, um grande sucesso em 2012 e a Record TV, *Apocalypse*, transmitida a sua primeira vez em 2018, ambas transmitidas em formato reduzido.

Com esta nova apresentação das novelas, a memória que para Izquierdo (1989, p. 89) é definida como “armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências”, são ativadas. E, além disso, por se tratar de televisão, com a reprodução de imagens fazem com que os telespectadores apresentem diversas recordações e memórias. Todavia, memória vive em um elo com as emoções, ou seja, quando o indivíduo, revê uma imagem ela se recorda da primeira vez em que assistiu aquele material e por isso, a memória além de afetiva, se torna teleafetiva.

Com este turbilhão de emoções os telespectadores, por sua vez, dividiram opiniões e compartilharam-nas em suas redes sociais. Por isso, o presente artigo traz dois questionamentos à tona: como foi para os telespectadores esta mudança da TV aberta, na programação da Rede Globo e da Record TV, ao reexibir as telenovelas *Fina Estampa* e *Apocalypse*? E também, que memórias afetivas apareceram com a reexibição? Para conseguirmos responder esta pergunta, utilizaremos o *Twitter*, como ferramenta para termos acesso a este material, compartilhado pelos telespectadores.

A relevância desta obra para a área científica e para a sociedade, está no imediatismo dos fatos, uma vez que, o mundo está vivendo uma pandemia com restrições que não via há pelo menos cem anos. Em conjunto, as grandes emissoras resolvem apresentar obras da teledramaturgia que não são inéditas em horário nobre. Estes fatos fazem com que toda a

sociedade mude de alguma forma e marca ela para sempre, por isso, divide opiniões e este artigo científico busca entender mais sobre todas essas mudanças.

Este artigo apresenta como objetivo geral analisar como os telespectadores da Rede Globo e da Record reagiram com as reexibições de *Fina Estampa* e *Apocalypse* no início da pandemia de Covid-19. E como específicos, identificar se houve recordações afetivas e teleafetivas com a mudança da programação.

Este presente artigo científico está dividido em cinco seções. A presente introdução, onde busca apresentar o problema, contextualização e relevância. A próxima seção, que é apresentada a fundamentação teórica, que é dividida em duas seções, o primeiro um contexto sobre televisão, história, definições e ideologias, logo após, abordaremos memórias e um subtítulo de memória teleafetiva e toda a sua relação com a televisão. Depois, será apresentada a metodologia de análise para chegarmos aos objetivos aqui destacados. Em seguida, a análise dos compartilhamentos dos telespectadores. E para finalizar, as conclusões com os principais apontamentos deste artigo científico.

2. Televisão

A televisão desde a sua criação é estudada por inúmeros pesquisadores, que tentam compreender a sua magia e todos os fenômenos proporcionados por ela. Dominique Wolton conceitua o caráter da televisão da seguinte forma:

[...] Reunir indivíduos e públicos, que tudo tende a separar e oferecer-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva. É a aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que faz dessa técnica uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea. (WOLTON, 1996, p.15)

Ou seja, a televisão faz com que os indivíduos independentemente de classe social, credo ou ocupação profissional, mesmo que sozinhos co-participem de uma atividade coletiva.

Antes de se tornar um fenômeno e até se concretizar nas residências das famílias, a televisão teve de ser muito estudada, até finalmente conseguirem transmitir som e imagem para as telas. Vera Iris Paternostro (1999, p. 63) destaca que “a TV surge com a sua arma poderosa e infalível: a informação visual e a imagem em movimento [...] algo que nenhum outro veículo pode fornecer: a mensagem sonora aliada à mensagem visual.”

Enquanto acontecia a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), os avanços da tecnologia utilizados na televisão ficaram em segundo plano. Entretanto, Paternostro (1999, p.

24) resalta que “entre o final dos anos 40 e o começo dos 50, a TV entrou na vida de praticamente todos os países e se firmou como meio de informação e comunicação de massa”.

Há poucos registros da época, entretanto, 18 de setembro de 1950 é marcado como a primeira transmissão e inauguração da primeira emissora de televisão, no Brasil. Inicialmente, chamada de PRF-3 TV Difusora, no canal 3 e depois de alguns anos conhecida como TV Tupi e passando ao canal número 4. No Brasil, Assis Chateaubriand ou apenas Chateaubriand, como era popularmente conhecido, foi proprietário do chamado “primeiro império de comunicação do país”. Onde fundou uma empresa, com diversas emissoras incorporadas, como por exemplo, Diário da Noite, Diário de São Paulo, O Cruzeiro e Rádio Tupi.

Uma empresa que cresceu e se desenvolveu a partir do momento em que o jovem jornalista, e futuro empresário, comprou no Rio de Janeiro, em 1924, O Jornal. Chateaubriand, que chegara no Rio vindo de Pernambuco, começou sua carreira no O Correio da manhã em 1917. (PATERNOSTRO, 1999, p. 27)

Cerca de vinte anos depois a televisão brasileira, inicia um novo momento, com os televisores apresentando a sua programação, ou parte dela, com imagens coloridas.

A primeira transmissão em cores no Brasil foi realizada pela TV difusora de Porto Alegre, em março – a inauguração da Festa da Uva, pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, em Caxias, no Rio Grande do Sul. Em janeiro de 1973, vai ao ar a primeira novela em cores: O bem Amado, de Dias Gomes, produzida pela TV Globo. (PATERNOSTRO, 1999, p. 32)

Ainda na concepção histórica, segundo o escritor e filósofo Umberto Eco (1984), a televisão é classificada em duas etapas, o que ele chama de *Paleotelevisão* e *Neotelevisão*. A construção da notícia de forma idônea é uma das características da *Paleotelevisão*. Além disso, segundo o autor Mario Abel Bressan Junior (2017, p. 22), “então, poderia listar protagonistas e programas, em função da pouca oferta e demanda. Nela, não deveriam aparecer os elementos que a constroem, como microfones, câmeras e demais aparelhos. A televisão existia para apresentar a realidade [...]”.

Já a *Neotelevisão*, “fala menos ao mundo exterior e mais de si mesma, fazendo e mantendo contato com o público” (BRESSAN JUNIOR, p. 22). Todavia, apresenta características como, dialogar e entreter os telespectadores. Além disso, fazia com que o público visse como a televisão era feita, em razão a isto, proporcionava credibilidade em todos os seus processos.

Estes dois estágios nos mostram dois percursos para se entender que, primeiro, havia a preocupação com a autenticidade, e depois com o verossímil. De certa forma, há estes dois lados na televisão que conhecemos atualmente. Talvez, por isso, ela perdura por tanto tempo. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 23)

Como todo bom objeto de estudo, a televisão apresenta inúmeras ideologias. Entretanto, em meio a todos esses pensamento e pensadores, dois discursos se destacam, quais sejam, ideologia técnica e ideologia política. Dominique Wolton (1996, p. 81), discursa sobre a dificuldade de “pensar a televisão, objeto onipresente, mas inapreensível, fonte de esperança e decepções, instrumento de liberdade constantemente embaraçado nos debates políticos, é uma incitação permanente aos discursos ideológicos”.

Antes de falarmos, sobre as ideologias supracitadas, é necessário conceituar. Afinal, o que é ideologia? Segundo Mozart Silvano Pereira (2016, p. 297), ideologia é constantemente relacionada ao “conhecimento da realidade [...] relacionam a ideologia a certo modo de entender o mundo, de compreensão e cognição do real, o que explica porque a reflexão sobre ela geralmente envolve discussões epistemológicas.”. Ou seja, nada mais é do que, compreender e entender o que é a televisão e o que ela representa, ou ainda, as discussões das teorias de conhecimento.

A ideologia técnica dominou o mundo televisivo a partir da década de 1970, isso porque, a partir desta data as novas tecnologias da comunicação, proporcionaram a ela novos horizontes. Por isso, segundo o Wolton (1996, p. 83), a ideologia inicial deste discurso é o modernismo e afirma que “toda crítica aos produtos novos traduz atraso cultural, uma mentalidade inadaptada aos tempos modernos. O que tem o mérito de ser simples, quadrado, como os serviços propostos por uma técnica”.

Além disso, a ideologia mencionada enaltece as mudanças e também o modo que são apresentadas, não obstante, dificilmente é pessimista e/ou catastrófica e tem o seu foco no desempenho e progresso. Em relação aos objetos desta ideologia, Wolton (1996, p. 84), revela que são as informáticas, telecomunicações, audiovisuais e suas interconexões.

Todos enxergam nas tecnologias da informação a chave da economia do amanhã, a condição da reestruturação industrial, a base de nova sociedade em que a economia do simbólico suplantaria, enfim, aquela dos objetos e da produção material, fazendo assim nascer uma nova gestão das relações sociais. (WOLTON, 1996, p.84)

Na prática, todas essas mudanças e evoluções significaram satélites, o cabo coaxial, fibra ótica, televisores de alta definição, entre outras modernidades. E por isso, ela se manifestou de algumas formas: uma delas é a televisão local e comunitária. Enquanto as grandes emissoras eram hostilizadas, as regionais criavam um laço social, entre os moradores. Ainda segundo Wolton (1996, p. 85), “como se esse novo suporte, pela sua simples existência física, criasse uma espécie de laço novo entre os habitantes de um bairro ou de uma cidade”.

Um forte exemplo de televisão local e comunitária é a chamada UnisulTV, com sede em Tubarão/SC, retrata as notícias da região sul de Santa Catarina. E como citado acima, apresenta um forte laço social e respeito da população desta região.

Em resumo, a melhor forma de ilustrar a ideologia técnica são as televisões locais ou ainda as novas técnicas de comunicação e Wolton (1996, p. 85), destaca que “no sentido de que [...] elas tornam superadas certas questões de ordem social ou cultural ligadas ao impacto, à divisão do trabalho, a hierarquia, aos modelos culturais”.

Segundo Wolton (1996, p. 84), em relação à ideologia política, “superestima a capacidade de imposição de um uso social sobre um dado estoque de instrumentos técnicos”. Ou seja, a mensagem é a principal eixo em uma comunicação e é considerada determinante.

A comunicação tornou-se assim um dos domínios em que a idéia de uma política de orientação é bem mais aceita. Os poderes públicos compreenderam isso muito bem na Europa, onde o setor da comunicação (correios, telecomunicação, audiovisual e até, muitas vezes, a informática) foi um dos que recebeu mais numerosos discursos de orientação, mesmo que, na maior parte das vezes, essa orientação parecesse mais arbitragem da política industrial do que um verdadeiro projeto. (WOLTON, 1996, p.84)

Há cerca de setenta anos, o mundo estava mudando, se modernizando a cada dia que passava, e por isso, a televisão foi considerada um verdadeiro laço social. Segundo Wolton (1996), “[...] o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível”. Ou seja, a televisão é capaz de criar uma ligação entre indivíduos, que a princípio, não possuem nada em comum.

O laço social significa duas coisas: o laço entre os indivíduos e o laço entre as diferentes comunidades constitutivas de uma sociedade. Se a comunicação consiste em estabelecer alguma coisa de comum entre diversas pessoas, a televisão desempenha um papel nessa reafirmação cotidiana dos laços que juntam os cidadãos numa mesma comunidade. (WOLTON, 1996, p.135)

A televisão é uma espécie de espelho da sociedade, sendo assim, os telespectadores se veem nela. Ainda segundo Wolton (1996, p. 135), “ela é, além disso, um dos únicos exemplos em que essa sociedade se reflete, permitindo que cada um tenha acesso a essa representação”.

O fenômeno de laço social é apenas possível quando a emissora consegue atingir um grande público, chamado também de televisão de massa. Conforme discursa Wolton:

Há uma vinculação direta entre a noção de grande público e a função de “laço social” da televisão. A televisão só pode desempenhar esse papel quando se trata de uma televisão de grande público, ou seja, uma televisão de massa, caso contrário desempenhara um papel mais limitado. (WOLTON, 1996, p.132)

Apesar de neste presente artigo sermos voltados à televisão, segundo o autor Mario Abel Bressan Junior (2014, p. 27), “nas demais instituições, a formação do laço social já se estabelecia. Na Igreja, no trabalho, na escola, na família, nas práticas “institucionalizadas”, [...] sempre houve a formação de um traço ligando os indivíduos.

Atualmente, a internet também é capaz de criar esta ligação com os indivíduos, tal qual, laço social. Bressan Junior (2017, p. 31) acrescenta, “[...] com os sites de redes sociais, o que percebemos é que o laço social individual e anônimo passa a ser coletivo na rede. [...] não está mais centrada em si mesmo, em função da busca pelo telespectador, que, agora converteu- em usuário.”

Consideramos que o laço social explicado por Wolton (1996) se manifesta na TV fechada e nos sites de redes sociais por comprovar que há uma teia invisível que une as pessoas ao assistir e comentar sobre a programação. Na internet, o laço passa a ser visível, na medida em que conseguimos quantificar e identificar as pessoas que assistem, curtem e comentam. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 112)

O modo de fazer e assistir televisão mudou, prova disso, é toda interatividade que ao passar dos anos a televisão, com auxílio da internet, proporciona aos seus telespectadores. Segundo Bressan Junior (2017), “a primeira é que existe uma audiência que permanece passiva, cumprindo e continuando com o papel de telespectador na sala de estar”. Este tipo de audiência foi beneficiado com o sinal digital, uma vez que, apresenta som e imagem com uma qualidade superior.

Pela primeira vez na história das mídias temos a real possibilidade de todas as mídias serem interativas. Mas isso não significa que todas serão interativas o tempo todo. Há anos já existe o cinema digital e isso não tornou o cinema interativo, e por um motivo simples: ninguém que interagir no cinema. Em televisão pode acontecer o mesmo. Não é porque existe a tecnologia que o público vai adotá-la. A adoção e o sucesso de tecnologias dependem da criação de uma tecnologia adequada à demanda do público em determinado momento e que dialogue com suas expectativas. No caso da televisão, temos de pensar em quais tipos de interatividade vão agradar ao público. (CANNITO, 2009, p. 170)

Atualmente, a palavra de ordem é interatividade, onde a audiência que por sua vez, assiste à televisão e compartilha nas redes sociais, seja um comentário positivo ou até mesmo negativo. Esses comentários pode ser ainda, alguma especulação de um possível personagem, a sua opinião em relação à transmissão daquela emissora, entre outros.

A evolução desta relação participativa é resultado do aumento de possibilidades de recepção, transmissão e produção no meio. Martin-Barbero e Rey (2001, p. 67) reforçam que “há anos vem-se produzindo importante ampliação da paisagem televisiva. Às formas de televisão aberta se uniram a televisão a cabo, a Internet, as televisões comunitárias, os canais locais e a televisão por satélite”. Para ele, esta renovação não se limita só às questões tecnológicas, deve-se, também, à mudança na relação da audiência com os produtos televisivos e às modificações de nossos gostos e preferências. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 40)

Interatividade esta que por Fechine (2014) é conceituada como TV Social, “[...] nada mais é do que a integração de novas tecnologias da comunicação à experiência de assistir à televisão para potencializar o que sempre foi uma das propriedades fundamentais da lógica da grade direta de programação: o compartilhamento simultâneo de conteúdos”.

Além disso, onde se assiste televisão também está em constante evolução. Bressan Junior (2017, p. 42) diz, “[...] primeiro se falava que os tamanhos das telas dos televisores, quanto maior fossem, melhor, atrairia a atenção da audiência, apostando na permanência do público em frente à TV”. Simultaneamente, é possível perceber que existe um tipo de público que busca assistir televisão de forma remota a qualquer hora e lugar. Consequentemente, de forma remota as telas ficam menores, uma vez que, são os *smartphones*, *tablets* ou *notebooks*. Ou seja, “de um lado as telas móveis cada vez menores, e de outro, as grandes sendo utilizadas nas casas”. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 42)

Em uma visão macro, a televisão é feita de programação. O autor Humberto Eco (1984), divide a mesma em dois eixos, quais sejam programas de informações ou ainda programas de fantasia e ficção.

Os programas de informações são aqueles que trazem as novidades para os telespectadores, de qualquer âmbito como segurança, esporte, política, trânsito, entre outros.

Pode fazê-lo de forma oral, através de tomadas diretas ou gravações, reconstruções ao vivo ou feitas no estúdio [...] Em cada um desses casos o público espera que a tevê cumpra com sua obrigação (a) dizendo a verdade, (b) dizendo-a segundo critérios de relevância e proporção, (c) separando informação e comentário. (ECO, 1984, p. 183)

Ainda segundo Eco (1984, p. 184), ele aborda uma reflexão da veracidade dos fatos apresentados neste tipo de programação, que a televisão, por sua vez, não diz o que realmente acontece e sim um resumo de uma entrevista ou a opinião de outros envolvidos. “[...] pelo fato de que o entrevistado é realmente aquele que corresponde ao nome e à função que lhe é atribuída e que suas declarações não são resumidas ou mutiladas de modo a fazê-lo dizer [...] o que ele não disse.”

Já os programas de fantasia e/ou ficção são classificados como dramas, comédias, filmes, novelas, programas humorísticos, entre outros. Eco (1984, p. 184) discorre “nesses casos o espectador 'exerce conscientemente a chamada suspensão da incredulidade', e aceita de brincadeira tomar como verdadeiro e válido aquilo que todos sabem não passar de uma construção fantástica”, Neste presente artigo analisará programas de ficção, uma vez que, as telenovelas se enquadram nesta modalidade.

Segundo Yvana Fechine (2014), a TV traz consigo o sentido de presença quando há transmissão direta e ininterrupta da programação, independentemente de serem ao vivo ou gravadas.

Funciona como espécie de “relógio” social capaz de pautar as práticas domésticas dos telespectadores. A TV está “sempre ali” distribuindo conteúdos em um fluxo direto e corrente que acompanha o transcorrer do dia. Estabelece-se, desse modo, uma duração comum à televisão e ao “mundo” e é a programação que funciona como interface dessas temporalidades. Graças à programação direta, a TV incorpora uma duração extraída do “real” e, por meio desse tempo “vivo” e compartilhado da transmissão, promove um sentido de presença que se manifesta como um efeito de “acesso imediato” ou de contato com os outros e com o mundo. (FECHINE, 2014 p. 9)

No que se diz respeito “relógio social”, podemos usar como exemplo a hora do almoço. Com isso, muitos brasileiros ao se acomodarem para almoçar ligam a televisão porque sabem que está passando jornais informativos. Além disso, muitos outros hábitos são ‘sustentados através da televisão’.

Acrescentando, Bressan Junior (2014, p. 27) diz que a programação deve ser compreendida através de três fenômenos, quais sejam, “à função de calendário e estruturação”, o segundo “compreender claramente o que é informação e o que são programas” e por fim “o terceiro consiste no respeito entre os diversos gêneros da programação”.

Fechine (2014, p. 9) complementa, “operando em tempo real, a programação cria, antes de mais nada, uma experiência comum de ver TV. Vejo o que os outros estão vendo no momento mesmo em que eles estão vendo”. Ou seja, fazendo com que aconteça o fenômeno de laço social de Dominique Wolton (1996), já conceituado neste presente artigo.

Esse sentimento de confiança inspirado pela televisão está associado também à forma de fluxo ininterrupto assumida pela programação. A televisão está sempre fluindo como um fenômeno cíclico: podemos ligar, desligar, religar e a programação estará sempre lá, invulnerável e confiável (SILVERSTONE, 1996), sempre disposta a nos reencontrar e a nos inserir em sua própria ordem. (FECHINE, 2014 p. 10)

Nesta seção, vimos todo o poder, história e fenômenos que a televisão vem desempenhando em toda a sua existência, como por exemplo, o laço social. Para conseguirmos desempenhar um bom papel e trazer diversas visões sobre a televisão buscamos diversos autores, como fica evidente em todo desenrolar deste capítulo. Na próxima seção, veremos um pouco de memória, memória efetiva e toda sua ligação com a televisão.

3. Memória

Ao vivenciar, assistir ou presenciar um dado momento, sendo marcante ou não, fica registrado em nossa memória. No caso das telenovelas, objeto de estudo deste presente artigo científico, assistimos e quando revemos aquela cena, lembramos da primeira vez que entramos em contato com aquele material. Esta lembrança vem acompanhada dos sentimentos, cheiros, pessoas e tudo que estava presente em um primeiro momento.

A memória sempre esteve presente na vida da sociedade e é supra valorizada, como discorre Bressan Junior (2017),

[...] a memória mostra uma sociedade que dispõe de dispositivos que a faz ter constantemente acesso a fatos e coisas para rememorar o passado. Desde as reestruturações arquitetônicas para guardar objetos antigos, como os museus e centros históricos, até as tecnologias digitais, presenciamos um movimento em favor da permanência e valorização das memórias. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 53 e 54)

Inúmeros autores já discorreram a sua percepção em relação à definição de memória, entretanto, uma é complementar a outra. Para Izquierdo (1989, p. 89), memória é “[...] o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias denomina-se aprendizado. As experiências são aqueles pontos intangíveis que chamamos presente.”

Como podemos perceber Izquierdo (1989), memória é a capacidade de conseguir reservar informações, pensamento este que corrobora com o de Tedesco (2014, p. 33), “[...] a capacidade de conservar determinadas informações com auxílio de funções psíquicas, sendo essas capazes de atualizar impressões passadas, que se representam como tal”. Ele explica que, memória na prática é armazenar informações modificando a própria estrutura, ou seja, as novas memórias registradas são influenciadas pelas existentes.

Memória apresenta um papel importante na vida individual e em sociedade. Amaral (2018, p. 39) destaca que ela auxilia na “formação de nossas identidades, e através de agentes de memória pode sobreviver ao tempo e às relações com os outros e como meio, que se alternam em nossa vida [...]”.

Além disso, ela apresenta uma linha tênue com a percepção, por isso, estamos a todo o momento relacionando e condensando o passado no presente, como destaca Bressan Junior (2017, p. 56). Com tudo, “percebemos em nós a matéria, ou seja, o conjunto de imagens e a sua relação com os objetos exteriores”.

Bressan Junior (2017) cita Bergson (1999), para explicar a ordem prática da memória.

Segundos os autores:

[...] o reconhecimento se dá por dois caminhos: o primeiro de forma automática, devido às circunstâncias, buscando no passado algo para dirigir o presente; e o segundo, no reconhecimento do objeto com os movimentos que são originados por ele e por representações que nascem do sujeito, ou seja, só se reconhece o objeto presente quando há uma representação do indivíduo sobre ele. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 57)

Tedesco (2014) entende que é fundamental discutir memória, uma vez que, a vida cotidiana com todos os seus ônus, como “sociedade da informação, da técnica e da racionalidade econômico-consumista”, faz com que o tempo passe mais depressa e por isso, os objetos perdem sentido, significado e tempo de duração.

A memória coletiva é transmitida de geração em geração, geralmente, por meio da narração. Por isso, para Tedesco (2014, p. 38), é essencial que cada geração transmita o fato passado para assim, fazer parte da realidade da tradição comum. Com isso “[...] constrói um sentimento de identidade coletiva do grupo e um sentido de pertencimento dos indivíduos, ajuda a conhecer o grupo e organizar as próprias relações internas.”

Um bom exemplo de memória coletiva é as histórias infantis, como a Chapeuzinho Vermelho e Lobo Mau. Toda criança, já ouviu esta história e se recorda dela, com isso, quando se tornar adulto, provavelmente, passará a diante esta memória da infância.

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1979, p. 9)

Bosi (1979) ressalta que o passado conserva-se e, além disso, atua no presente. De um lado, a mente registra hábitos do cotidiano, como por exemplo, comportamentos e chamada de memória-hábito. E de outro, ocorre lembranças “isoladas e singulares”, que por sua vez constituem “autênticas ressurreições do passado”, chamada de lembrança pura.

A supracitada memória-hábito, ainda segundo Bosi (1979), conquista-se com o “esforço da atenção” ou ainda pela ação repetida de gestos ou palavras.

Um processo que se dá pelas exigências da socialização. Trata-se de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se em um hábito, em um serviço para a vida cotidiana. Graças à memória-hábito, sabemos "de cor" os movimentos que exigem, por exemplo, o comer segundo as regras da etiqueta, o escrever, o falar uma língua estrangeira, o dirigir um automóvel, o costurar, o escrever a máquina, etc. A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural. (BOSI, 1979, p. 11)

Já na chamada lembrança pura, quando a “imagem-lembrança” é atualizada, consigo vem “um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida”. “A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente”. (BOSI, 1979, p. 11)

Cada ser humano conserva o passado em seu espírito e manifesta-se em forma de imagens-lembrança, por isso, Bosi (1979, p 11) destaque que “a lembrança é a sobrevivência do passado”.

Ainda segundo Bosi (1979), ela salienta que lembrar não é reviver, mas sim olhar as vivências do passado com as imagens e ideias de hoje. Ou seja, quando lembramos um momento vivido não o revivemos, mas sim o vimos sob um novo olhar, com a maturidade e sensatez atual.

Importante pensar neste aspecto, visto que a memória vem trazer esta reconstrução sobre uma lembrança, seja através de amigos, familiares ou até mesmo revisitando uma cidade, um conhecido ou antigo local de trabalho. Todos trarão recordações que serão otimizadas diante da interferência do hoje, mas que houve uma interação social. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 59)

Bressan Junior (2017), na sua obra discursa que cada indivíduo possui uma forma única de recordar o momento, entretanto, a coletividade dá-se quando a recordação está interligada com outras pessoas. Por isso, as memórias continuam coletivas, mesmo estando a sós. Por exemplo, um sujeito viaja para um país estrangeiro sozinho, apesar disso, outras pessoas estão ali construindo aquele momento em coletividade, com pensamentos e lembranças.

Outra percepção citada por ele mostra que com o passar do tempo acabamos não lembrando mais de alguns episódios vividos, mas, com a ajuda de testemunhos, seja por imagem ou discursivo, provocam “lembranças em nossas memórias”.

No entanto, quando as imagens se fundem com as lembranças, destaca Halbwachs (2003), as recordações de um ou mais processos coletivos criam figuras que podem não reproduzir exatamente o passado, podendo modificar a impressão de um fato antigo. São sensações que se misturam e se compactuam em massas de lembranças imaginadas. Há esta relação entre o que foi verdadeiramente vivido e o que foi fictício. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 61)

Por causa disso, faz-se necessário os “testemunhos”, uma vez que, quando uma cena não deixa traços de recordação não nos sentimos seguros para caracterizá-las. E Bressan Junior (2017) frisa que, mesmo uma pessoa contando como ocorreu não deve ser levada como lembrança.

As organizações da memória do sujeito são feitas pelos acontecimentos, personagens e lugares. Ou seja, os acontecimentos que os indivíduos não necessariamente participaram, personagens do dia a dia que não sendo obrigatoriamente amigos ou parentes e ainda os lugares passados pelo elemento.

Para Pollak (1992), a memória herdada funciona da seguinte forma, a pessoa não precisa ter vivido aquele momento, entretanto, ela conhece por todo o enredo que aquela memória traz consigo como acontece com as datas comemorativas. Por exemplo, o natal que para os cristãos significa o nascimento de Jesus, logicamente, ninguém estava presente no momento, mas é herdada de geração para geração.

Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. (POLLAK, 1992, p. 204)

Segundo Amaral (2018, p. 42), as memórias são construídas por meio da linguagem, para com pessoas, grupos, instituições e ambientes. “Quando falamos em construção da memória, implicitamente falamos também da sua manutenção e perpetuação”.

3.1 MEMÓRIA AFETIVA E TELEAFETIVA

Raiva, tristeza, alegria ou surpresa são algumas das emoções sentidas pelos seres vivos. Além disso, segundo Fontes (2017, p. 27), as emoções podem ser conceituadas como “respostas do organismo a eventos do ambiente, desencadeando padrões de ativação fisiológica específica e envolvendo aspectos cognitivos, comportamentais e do sistema autonômico simpático e parassimpático que controlam ações do organismo.”

Com isso, podemos perceber que a memória está em um elo com as emoções. Uma vez que, ao recordar algum momento também está presente a ‘emoção’ de estar lembrando-se disso ou daquilo. “Pode ser feliz, triste, angustiante, dependendo de como aquilo foi vivido em um primeiro momento por nós e em como nos encontramos na atualidade.” (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 73)

Ao se encontrar com uma dada memória, as emoções não são necessariamente estáveis. Ela está extremamente relacionada com o período em que vive o indivíduo. “Elas podem ser acentuadas ou amenizadas, alterando o grau de significação, de acordo com as formas de se viver. Nesse sentido, há um trabalho do tempo e da memória sobre as emoções,

algo que é necessário entender e que direciona, algumas vezes”. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 72)

Um exemplo, utilizado por Bressan Junior (2017), mostra que um homem quando está sozinho e em casa é mais propício que reclame mais ou até chore com mais facilidade. Já quando está em contato com desconhecidos ou até mesmo com familiares existe um esforço para que estes sentimentos não ocorram.

Esta potencialização de sentimentos pode ser atribuída à coletividade nas relações sociais. As pessoas podem alterar a sensibilidade e a relação com o sujeito perante as suas emoções. A relação afetiva, neste caso, sofre interferência não só dos grupos, como também do próprio sujeito, dependendo da forma em que ele se encontra. No que diz respeito à memória, as ocorrências para se gerar um afeto podem ser muitas. A lembrança de algo bom traz consigo uma memória afetiva positiva e pode ser ativada ao rever ou recordar uma situação que levará a esse sentimento. Todavia, vai depender do tipo de afeto obtido em dadas circunstâncias. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 74)

Logo a memória afetiva pode ser definida como a ação de recordar e consigo vir um afeto ou sentimento. Por isso, Bressan Junior (2017) destaca,

Sendo assim, para que se construa uma memória afetiva, é preciso ter elementos que provoquem certas emoções através dos afetos obtidos pela situação vivenciada no passado e de como nos encontramos no presente. Acreditamos, porém, que o principal fator que evoca esta afetividade no ato recordar está a busca por um tempo que não volta mais, trazendo lembranças que podem ser seletivas, boas ou ruins. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 74)

Após isso, é necessário frisar que a televisão exerce um papel fundamental na relação com a memória afetiva. Este papel importante dá-se que a TV é um dispositivo que constantemente reproduz imagens e fazem com que os seus telespectadores tenham constantes recordações e memórias. E por isso além de afetiva, se torna teleafetiva.

Por exemplo, um indivíduo que assistiu a um programa em um determinado período. Ao reaperatar o mesmo material, quem assiste, remete-se a primeira vez que assistiu, com quem estava, o que estava acontecendo, entre outros.

Há diferença entre memória afetiva e teleafetiva, levando em consideração que a primeira é responsável por trazer pulsões geradas a partir da visualização das imagens. Já a segunda, é a união de Laço Social de Wolton (1996), recordações e televisão.

Chamamos de memória teleafetiva essa que é reconquistada, reformulando novamente uma experiência, que é reconstruída por um tipo de emoção e de afeto. [...] Esta memória teleafetiva é a responsável por recuperar e reformular reminiscências reconstituídas a partir das imagens exibidas na televisão e pelos afetos em torno das vibrações provocadas por ela. (BRESSAN JUNIOR, 2017, p. 74)

Nesta seção vimos toda a importância de memória, memória afetiva e toda a sua relação com a televisão. A partir de agora, veremos a metodologia e análise deste artigo científico, objetivando a descoberta de quais memórias afetivas foram sentidas pelos telespectadores e, além disso, como foi para a audiência destes canais, esta reapresentação das novelas analisadas.

4. Aspectos Metodológicos

O coronavírus foi detectado na cidade chinesa, chamada Wuhan, onde é encontrado o chamado ‘paciente zero’ da Covid-19, doença causada pelo denominado SARS-CoV-2. Logo após, outras cidades e países relataram o aumento de pessoas infectadas. Até que no dia 26 de fevereiro o primeiro caso foi diagnosticado no Brasil. Após isso, no dia 11 de março, a Organização Mundial da Saúde declarou o surto do coronavírus como uma pandemia, ou seja, estava amplamente disseminada no mundo todo. Com isso, parte da população iniciou cuidados, instruídos pela OMS, como evitar aglomerações, utilizar máscaras, higienizar as mãos com álcool em gel ou lavá-las com água e sabão e, por fim, realizar a quarentena, ou seja, ficar dentro das suas casas, o maior tempo possível, no que é denominado isolamento social.

O presente artigo científico abrange uma pesquisa do tipo qualitativo, positivista, explicativo e de cunho bibliográfico. Com isso, a obra delimita-se em analisar as principais impressões dos telespectadores dos canais abertos de televisão, quais sejam, Rede Globo e Record TV, em sua reapresentação de duas obras audiovisuais *Fina Estampa* e *Apocalypse*, respectivamente. E, além disso, tem como objetivo destacar quais as memórias teleafetivas apareceram através de *tweets* de sua audiência.

Após a quarentena decretada no Brasil, às emissoras de televisão se viram obrigadas a interromperem as gravações. Com isso, tiveram a ideia de realizar a reapresentação de grandes novelas que fizeram sucesso em suas épocas.

As duas maiores emissoras do Brasil são a Rede Globo e a Record TV. E por isso, fazem um grande sucesso em suas telenovelas, mas nem por isso, encontraram outra saída a não ser reprisá-las. A primeira emissora transmitiu *Fina Estampa*, por Aguinaldo Silva, em março de 2012 e decidiu reexibir a partir do dia 23 de março de 2020. Já a segunda emissora apresentou a novela *Apocalypse*, de Edson Spinello, no ano de 2017 e iniciou a reapresentação a partir do dia 21 de abril de 2020.

Fina estampa conta a história de duas mulheres Griselda e Tereza Cristina, interpretada por Lília Cabral e Cristiane Torloni, respectivamente, que passam toda a trama se enfrentando e desafiando. As suas principais rivalidades são por causa do dinheiro, que por sua vez, Tereza Cristina é do chamado ‘berço de ouro’ e Griselda de uma origem humilde que ganha na loteria. Além disso, outros personagens fazem sucesso como o Clodoaldo Valério, mordomo de Tereza Cristina.

Já a novela *Apocalypse* é uma telenovela dividida em quatro fases. E conta, a história do fim do mundo moderno, com diversas reviravoltas. Em resumo, a trama é marcada por catástrofes naturais, crimes bárbaros e religião. Os principais personagens são Benjamin (por Igor Rickli), Zoe (por Juliana Knust), Ricardo (por Sérgio Morone), entre outros.

O *Twitter* é uma ferramenta de postagens curtas com no máximo 280 caracteres e cada vez mais é comum as pessoas comentarem o que assistem nas suas redes sociais. Prova disso, é uma reportagem publicada por Calado (2015) através do Correio Braziliense, em uma pesquisa do Conecta Brasil, onde destaca que mais de oitenta por cento dos brasileiros, veem televisão navegando na internet. Ou seja, seja um noticiário ou programa de entretenimento as pessoas costumam compartilhar suas opiniões, sensações e até memórias nas suas redes sociais. Para conseguir o almejado objetivo deste artigo científico foram utilizados *tweets* de telespectadores que compartilharam a sua opinião no seu *Twitter*.

Por tanto, utilizamos o *Twitter* como ferramenta para termos acesso ao conteúdo publicado pelos telespectadores, ao reverem as novelas *Fina Estampa* e *Apocalypse*, nas emissoras Globo e Record. Para chegarmos aos *tweets*, usamos a ferramenta busca avançada da própria plataforma, onde disponibiliza uma pesquisa detalhada com palavras, frases, *hashtags*, idioma, contas, filtros, engajamento e datas.

Para esta pesquisa foram utilizadas as palavras chaves “*Fina Estampa*” e “*Apocalypse*”, no idioma português. Além disso, para referência de data usamos o primeiro dia de estreia de cada novela, para *Fina Estampa* usamos 23 de março de 2020, para *Apocalypse*, usamos 21 de abril de 2020.

Para *Fina Estampa* foram coletados aproximadamente cento e cinquenta *tweets*. Classificados por reclamação, elogio, memória, notícias/nível de audiência, diversos, pensativos, enquetes e política, que somam respectivamente, 15, 30, 12, 10, 80, 1, 1, 1, totalizando o total supramencionado. As publicações classificadas com notícias/nível de audiência, política e diversos, foram descartadas, levando em consideração a não relevância para análise deste artigo. Restando assim, sessenta e nove *tweets* que serão analisados na próxima seção.

Para *Apocalypse* foi necessário uma coleta maior, levando em consideração que a palavra abrange outros significados, além da telenovela. Por isso, os *tweets* coletados somam duzentos e cinquenta, que foram classificados por reclamação, elogio, memória, desconexo, diversos e relacionados com o Covid-19, que somam respectivamente, 5, 14, 0, 80, 145 e 6, totalizando o total supramencionado. As postagens classificadas como, desconexos e diversos foram descartadas, levando em consideração a não relevância para análise deste artigo. Entretanto, nesta telenovela como na classificação diversos apresentaram muitas publicações do mesmo tema, por isso, serão apresentados alguns deles. Restando assim, cerca de trinta e três *tweets* para análise.

Sendo relacionadas com a aceitação do público ao rever essas obras audiovisuais e também quais foram às memórias teleafetivas compartilhadas. Para o embasamento serão utilizados os autores já citados na fundamentação teórica. Outrossim, irá ser utilizado a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), e com isso, será classificado e categorizado as publicações.

Nesta seção vimos como a metodologia foi realizada, classifica e contabilizada. Já na próxima, veremos a análise propriamente dita dos *tweets* selecionados.

5. Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

Nesta seção para provar e complementar as teorias mencionadas na fundamentação teórica apresentaremos cerca de sessenta e dois *tweets* de telespectadores, divididos entre as telenovelas *Fina Estampa* e *Apocalypse*. Para então, conseguirmos solucionar e responder os problemas propostos no presente artigo científico, quais sejam, como foi para o telespectador assistir as reprises das novelas na Rede Globo e Record TV, e ainda, quais memórias afetivas foram apresentadas por sua audiência.

5.1 Fina Estampa

Como já mencionado na metodologia, foram coletados cerca de cento e cinquenta *tweets* e classificados como reclamação, elogio, memória, notícias/nível de audiência, diversos, pensativos, enquetes e política. Os tópicos notícias/nível de audiência, diversos e política foram descartados, uma vez que, não há relevância para esta presente análise. Restando assim, sessenta e nove *tweets*.

Iniciaremos pelo *tweet* classificado como pensativo, que foi identificado apenas um, onde o autor faz uma reflexão sobre a reprise da novela *Fina Estampa*. O internauta diz:

Vendo esse editorial no JN dá pra entender o pq da reprise de Fina Estampa. É uma Novela bem curiosa. Imagina nesses tempos difíceis aqueles dramas pesado de Manoel Carlos ou a tensão constante de A Favorita do João Emanuel?!

Nesta postagem, o escritor de certa forma elogia a escolha da emissora de reprisar a novela supracitada, levando em consideração, a leveza de certa forma da trama. Ao mencionar “tempos difíceis”, ele se refere à pandemia do novo coronavírus vivido neste ano (2020). Além disso, cita outras novelas e autores, com histórias mais pesadas e que segundo o autor, inapropriada para o presente ano.

Depois deste, vamos para o outro acompanhante da novela, onde resolveu realizar uma enquete para seus seguidores, onde ele pergunta se a reprise irá reerguer o horário nobre ou “flop” (gíria utilizada na internet para dizer quando algo não vai bem, não atinge um público notável). É interessante analisar que ele recebeu cinquenta e cinco votos, um número relativamente bom e o resultado mostra, segundo os seus seguidores, a audiência ficaria na casa dos 30 pontos percentuais. Conforme imagem abaixo:

Figura 1 – Enquete do telespectador

E aí vcs acham que #FinaEstampa flopa ou reergue o horário das 21h?



55 votos · Resultados finais

Fonte: Elaborada pelo autor

Segundo a coluna de Mauricio Stycer, no site Uol, *Fina Estampa* teve um média de audiência de 33,6 pontos, um bom número, superando muitas vezes novelas inéditas. E ainda, confirmando o que os seguidores do internauta votaram na enquete apresentada acima.

Dentre as publicações selecionas cerca de trinta *tweets* são elogios. Conforme veremos abaixo:

A única coisa boa desse Corona Vírus é a chance que eu vou ter de ver a reprise do Crodoaldo Valério.

Eu nem acredito que vai passar fina estampa.

Ansioso para a minha fina estampa.

Ansiosa pra assistir fina estampa slccc.

Hj tem fina estampa nada mais importaa

Esperando ansiosamente fina estampa.

Deus fina estampa volta hoje. Esse momento é meoAaaaaaaa

Hoje reestréia “fina estampa”, aaaaaa eu já estava com saudades do Crô

Hj começa Fina Estampa, eu amoooooo, amei quando soube q ia voltar, tudo pra mim.

To só a ansiedade p ver fina estampa, amo kkk.

Pelo menos #FinaEstampa é legal de assistir (e foi a maior audiência da década). Já #AmordeMae é chata, e o povo força de “sucesso” pq é conceitual.

Globo reprisando Fina Estampa vai voltar a fazer eu assistir TV aberta de novo.

Hj começa fina estampa, eu amo tanto essa novela, mdssss.

Aguardando fina estampa, eu amava demais essa novela.

[...] mas as novelas da globo desse época eram ótimas, dificilmente aparece uma boa hoje em dia, aliás, totalmente de mais também quero assistir de novo kkk foi um novelão, fina estampa é farofa mais novelão também.

Não acredito que vai passar fina estampa dnv, eu amo af.

Vai volta fina estampa mn, não vou perde um capítulo.

Já já começa Fina Estampa, amoo #finaestampa

Fina estampa vai passar, não to preparada pra ver minha pereirão, vem com tudo Lilia Cabral.

Hoje tem a volta de fina estampa aaaa eu amava obrigada globo pelo mimo.

Edição especial de #FinaEstampa vão picotar até não querer mais, o que é ótimo.

Poderia focar no melhor da novela que foi o Crô, hahahahaha!!

Esperando ansiosamente por fina estampa hoje.

Aguardando ansiosamente p #FinaEstampa

Nem acredito ainda que vai passar fina estampa e novo mundo essa época de quarentena, ai ai obg globo por sempre me manter alienada.

Fina estampa trazendo todo o glamour do design de 2011 para a tela da TV.

Hoje é dia de ver a pereirão de volta! #finaestampa

Aki ansiosa #clo #Finaestampa

Começa logo fina estampa.

Vontade de ficar de quarentena, a globo ta mimando demais a gente, malhacak viva a diferença, novo mundo, totalmente demais e fina estampa, amoo demais reprises melhor que esse é impossível.

Morrendo de sono mas n quero perder fina estampa.

Todas as publicações apresentadas acima reforçam toda a autenticidade, irreverência e poder desta obra, com inúmeros *tweets* elogiando esta novela. Além disso, com compartilhamentos deste tipo, não sabemos as personalidades, cor, credo de quem as compartilhou, reforçando assim a teoria de Wolton (1996), que se refere ao laço social. Ou seja, a televisão é capaz de unir pessoas em uma única atividade, independente de todas as circunstâncias que as rodeiam, como já citados na fundamentação teórica.

Todavia, a maioria dos *tweets* falam em ansiedade pela parte da audiência em ver e rever a telenovela. Relacionando até com a pandemia de Covid-19, ressaltando que a ‘única coisa boa’ que aconteceu nos últimos meses foi à reprise de *Fina Estampa*. E, além disso, agradecem a Rede Globo por manter a sua audiência ‘alienada’. Outro destaque vai para um comentarista que apesar de chamar a novela de ‘farofa’ (algo simples, sem maiores sofisticções), ressalta que é um ‘novelão’.

Mesmo, chegando a grandes números de audiência a reapresentação da novela não agradou a todos, entretanto, é nítido que os elogios superam as críticas. Prova disso, é os números dos *tweets* selecionados. Para cento e cinquenta publicações escolhidas, trinta foram elogios e apenas quinze são críticas. Nesses compartilhamentos, muitos se referem à reprise, destacando assim que preferiam outra novela da mesma emissora. Como podemos perceber abaixo:

Tanta novela boa na globo pra reprisar no lugar de amor de mãe (páginas da vida, viver a vida, verdade secretas, salve Jorge, império) me colocam logo fina estampa, afffff.

É a minha TV ou parece que acharam as fitas de Fina Estampa no lixo?

Quem se beneficiará com a reprise #FinaEstampa? Record ou SBT? Lembrando que o #ORicoELazaro está em seus capítulos finais...

Podia ter colocado alguma novela do Manoel Carlos no lugar de fina estampa.

Globo reprisando Fina Estampa quando poderia ter colocado A Favorita.

Só de pensar que agora no lugar da minha novelinha favorita em anos vem essa fina estampa pq vou ter q arrumar oq fazer nesse horário.

No lugar de #FinaEstampa tinha que passar #Esperança.

Vai passar fina estampa de novela das 9, mas poderia se salve Jorge.

Hoje vou maratonar na Globo Lixo, vou assistir jornal, depois vou ver fina estampa e bbb.

Tanta novela boa e a @RedeGlobo escolhe Fina Estampa.

Ao invés de re apresentar “Fina Estampa” a Globo deverias trazer de volta “Amor a Vida”.

*Entre Fina Estampa ou Novo mundo não dá pra decidir qual é a pior
E que eu esqueci que hj não tem #AmordeMãe. Na verdade só está previsto pra voltar em meados de junho. Dependendo do comportamento do Covid19. Me desculpa Pereirão mas não gosto de #FinaEstampa. Hoje vou ter que buscar um plano B.*

Vai passa fina estampa hj, até que a Globo podia passar Império dnvtbm.

Ninguém merece rever a Teresa Cristina. Uma vilã neurótica que vivia a sombra da Nazaré Tedesco. Um dos piores papéis da Christiane Torloni #FinaEstampa.

Como retratado acima, a grande maioria das publicações pedem outras novelas para reprisar, levando em consideração o gosto de cada indivíduo. Além disso, citam também, a qualidade de imagem, podemos levar em consideração a primeira vez da transmissão da novela em 2012 e desde então oito anos se passaram, e com isso, a qualidade da imagem mudou, hoje podemos contar com a TV digital que naquela época não era da grande maioria dos brasileiros. Sem falar, da qualidade das câmeras que atualmente gravam em até 4K. Outro *tweet* destaque, vai para o internauta que apesar de chamar de ‘Globo Lixo’ diz que vai assistir diversos programas que fazem parte das noites da emissora.

Por último, abordaremos os *tweets* que relataram memórias vividas pelos telespectadores ao rever a novela *Fina Estampa*. Ou seja, assistiram no ano de 2012 e 2020 relembrou tudo o que estavam vivendo ou viveram naquela época. Esta classificação somou doze tweets. Conforme esboçado abaixo:

Eu lembro q eu curtia Fina Estampa até o capítulo que Pereirão ficou rica, depois disso perdeu toda a graça.

Sempre gostei de algumas novelas mas nunca consegui acompanhar, as vezes assistia pq minha avó sempre assiste... dessa vez eu vou acompanhar fina estampa e vou conseguir.

Q nostalgia essa reprise de Fina estampa.

Me preparando pra me sentir em 2011 das 21:30 até às 22:30 #FinaEstampa. Hoje vai passar Fina Estampa na novela das 9 e gostaria de dizer que eu era viciada nessa novela quando ela passou, ela alimentou meu desejo de ganhar na loteria.

Só quem viveu #FinaEstampa 9 anos atrás sabe oq é falar os bordões do Crô até hoje, ai sabe... aaaaaaaa

Hoje tem fina estampa, q saudade dessa novela.

Aguardando fina estampa, eu amava demais essa novela.

Eu odeio a novela Fina Estampa pelo fato dela ter passado na época que e quase morri e assistia no hospital. Agora ela vai passar de novo em meio a esse caos. Globo, não conte comigo pra absolutamente nada.

Não tem mais graça assistir fina estampa lembrando no final horrível que teve.

Acho legal numa novela... aquela novela que arranca sorriso das pessoas... Realmente a “Fina Estampa”..foi uma novela bem humorada e leve!! Legal de assistir.

Além da Lília Cabral, uma das coisas que vai me fazer assistir essa reprise de #FinaEstampa é o núcleo do Dan Stulbach com a Júlia Lemmertz e a Renata Sorrah. Tenho uma memória afetiva dessa trama.

As publicações apresentadas reforçam as teorias de Bressan Junior (2017), Izquierdo (1989), Tedesco (2014), Amaral (2018), Bosi (1979) citadas na fundamentação teórica. Ou seja, as memórias são a capacidade intelectual de conservar informações e ao ver aquele objeto ou reviver um dado momento relembramos do que se passou lá atrás. Além disso, por se tratar de televisão elas se tornam teleafetivas, uma vez que, mostram um elo com as emoções ao reproduzir as imagens.

Relacionando as publicações com a teoria podemos ver ela se concretizando e assim, vemos na prática como ela acontece. O oitavo *tweet* merece um destaque, uma vez que, a internauta não gosta da novela *Fina Estampa*, levando em consideração as épocas que ela foi transmitida, em um primeiro momento quando ela estava no hospital e no segundo na pandemia do coronavírus, sendo assim, um exemplo claro de memória teleafetiva. Ou seja, nesta reprise ela se recordou da primeira vez que foi transmitida, que a mesma estava em um hospital doente e hoje, ela é reprisada em uma pandemia.

Outro destaque vai para o último *tweet*, onde o autor elogia as atrizes e relata ter “uma memória afetiva dessa trama”, algo interessantíssimo e que vai ao encontro com o presente artigo científico. E por fim, o segundo *tweet* mostra que ao rever a novela, o autor relata que gosta da trama, apesar de ver raramente e com isso, relembra da sua avó que era assídua em 2012.

Como podemos perceber a reapresentação de *Fina Estampa* mostrou que foi muito bem aceita pelos telespectadores e muitos deles apresentaram diversas memórias teleafetivas ao rever a novela, como apresentamos acima, por exemplo, momentos em hospitais, familiares, sentimentos e até cenas da própria obra.

No próximo tópico veremos a análise da telenovela *Apocalypse*, transmitida e reprisada pela Record TV. E logo após, as conclusões deste artigo científico.

5.2 *Apocalypse*

Como já referido na metodologia, a telenovela *Apocalypse* exigiu uma busca maior, levando em consideração que ao buscar por ‘apocalypse’, a palavra representa outros significados, além da novela. Buscamos no dia 21 de abril de 2020, dia da reestréia da novela e coletamos cerca de duzentos e cinquenta *tweets*. Com isso, foi classificada como reclamação, elogio, memória, desconexo, diversos e relacionados com o Covid-19. Os compartilhamentos de desconexos e diversos foram descartados, com isso, restaram trinta e três *tweets* para serem analisados.

Nas publicações descartadas, por serem classificadas como diversos, percebemos que repetidamente se referia ao mesmo assunto. Por isso, trouxemos alguns deles, por acreditar na relevância no presente artigo, como é esboçado a baixo:

Quero a abertura icônica hein @recordtvoficial, não me decepcione #Apocalypse.

Olha aqui Record eu quero a abertura original de #apocalypse na minha mesa pra ontem #NovelaApocalypse.

Eu ia assistir apocalypse mas mudaram a abertura não vou mais q saco.

Odiei a abertura!!! #Apocalypse cagaram nela!!!

Que merda fizeram com a abertura meu deus #Apocalypse #Apocalypse01

#Apocalypse ahh queria a Abertura original!!!

Cade a abertura antiga de apocalypse?? #NovelaApocalypse

Aaaa não, tragam a abertura normal pfv #Apocalypse

Muitos deles se referiam à mudança da abertura da telenovela, por isso, chamaram a atenção. Entretanto, apesar de ser classificado como diverso, também se encaixaria na classificação reclamações, todavia, não abordaremos todos eles, por não a ver necessidade e relevância. Com isso, fica clara a indignação do público ao se deparar com a nova abertura

para a reapresentação da novela. No terceiro internauta, podemos destacar que ele deixará de ver a novela, por causa da mudança da abertura, algo bem impactante para uma emissora de televisão, além disso, muitos pedem a abertura da primeira transmissão.

Podemos perceber também que alguns *tweets* se queixavam da reapresentação de *Apocalypse*, publicações estas classificadas como reclamação. Conforme apresentado abaixo:

Começou na rede Record lixo jeca TV do herege Edir Macedo e sua seita universal do Reino do diabo, a reeprise da noveleca de gosto duvidoso apocalypse, quer dizer apocalixo.

Ladeiraaaaa #Apocalypse fracasso na exibição, e reestreando em feriado só na @RecordTV, ela tinha tantas outras como prova de amor até escrava mãe.

A Record cometeu um erro terrível ao decidir reprisar Apocalypse. Eu não quer nem ver o desastre.

Não gostei muito de #Apocalypse.

Podemos perceber que alguns telespectadores não se agradaram da reapresentação da telenovela, com ataques a obra e também a um dos principais diretores da Record TV, Edir Macedo.

Apesar disso e de apresentar proporções e alcances menores do que *Fina Estampa*, o laço social de Dominique Wolton (1996), também acontece, uma vez que, esta obra audiovisual conseguiu reunir em um fio invisível pessoas de diferentes lugares e com vidas opostas.

Cerca de quinze telespectadores, demonstraram a sua satisfação e felicidade ao rever *Apocalypse*. Conforme demonstrado abaixo:

Nossa, tem mt tempo q não assisto novela por conta do conteúdo podre. Quando lançou apocalypse nem dei bola como sempre achando q seria aquele clichê caricato sobre fim do mundo misturado com aquelas intrigas idiotas. Olhando sua análise vou dar um jeito de assistir dessa vez.

ATENÇÃO A TODOS. A Record está reprisando a maior novela da história da TV Brasileira #Apocalypse.

Estou doida pra ver a edição especial de Apocalypse.

Começou a melhor novela da vida: APOCALIPSE.

Pra que curte uma boa novela, a @TVRecordBrasilta transmitindo uma edição especial de APOCALIPSE. Muito Boa!! #NovelaApocalypse.

MEU NOVELÃO TA DE VOLTA AMEMM ALELUIA. #Apocalypse

Eu tava ansiosa p assistir de novo a novela apocalypse.

*Como da primeira vez não assistir, dessa vez vou ver a novela apocalypse.
#NovelaApocalypse*

Minha novela favorita de volta. #Apocalypse

A melhor novela voltou! #NovelaApocalypse. #Apocalypse #Record

Estou vendo reprise da novela apocalypse, que novela fodaaaa.

Essa novela apocalypse é sinistro Mané, dá mó cagaço.

A novela Jesus e a novela Apocalypse são duas q eu adoro na Record.

A fotografia de #Apocalypse nessa primeira fase é maravilhosa. Um total de ZERO defeitos. #NovelaApocalypse

Como podemos perceber, alguns internautas gostaram sim da reapresentação de *Apocalypse*. Já no primeiro *tweet*, percebemos que a autora no primeiro lançamento não deu bola para a novela, mas após ler uma análise, na sua reapresentação será telespectadora da obra. No segundo, o autor chama o objeto desta análise como “maior novela da história da

TV”, da mesma forma na quarta publicação. Outros elogiam as imagens da novela e ressaltam que apesar de não assistir na primeira, irá ver nesta segunda apresentação, entre outros adjetivos.

Outra classificação de certa forma interessante, como foi à recepção da notícia da reapresentação de *Apocalipse* para alguns internautas. A palavra ‘apocalipse’ entre outros significados é interpretada como o fim do mundo, onde diversas catástrofes acontecem e também é retratada na Bíblia Sagrada, no seu último livro. Com isso, algumas publicações relacionam a novela com a pandemia do novo coronavírus, sendo assim, para os autores a reapresentação da obra e a Covid-19, seriam os primeiros passos para o fim do mundo. Como é mostrado abaixo:

Pra fuder de vez a cabeça dos outros a Record decide reprisar apocalipse kkkkkk socorro.

Verdade. Mudei para a Record e estava passando Apocalipse. Tempos sombrios durante a noite, meu Deus!!

Começou a novela da vida real. Apocalipse. #NovelaApocalipse

Em plena pandemia, o mundo em pânico, a Record coloca apocalipse pra passar...

A outra tag era só #Apocalipse. Dessa vez ficaram com medo de confundirem com a realidade e colocaram #NovelaApocalipse.

A Record com toda a delicadeza e consideração por esse momento de pandemia faz o que? Reprise de Apocalipse.

Não podemos afirmar que na decisão de reapresentar a telenovela, teve alguma relação com o momento vivido em 2020. Entretanto, é interessante destacar a criatividade da sua audiência, além disso, um dos autores diz que iniciou a ‘novela da vida real’, destacando esta relação. No último *tweet*, podemos ver bem esta recepção da audiência, onde ela frisa que com a pandemia a Record TV decide reprisar a obra audiovisual.

Nesta novela não foram encontrados *tweets* que apresentaram memórias ou memórias teleafetivas. Por isso, ao concluir este artigo científico apresentaremos alguns pontos de possíveis motivos por os telespectadores não compartilharem este tipo de publicação.

Nesta seção mostramos todas as publicações que apresentam relevância para esta obra. E na próxima, concluiremos esta pesquisa com apontamentos e discussões sobre os resultados apresentados.

6. Considerações Finais

Televisão e internet seguem em uma linha paralela, ou seja, nas redes sociais se comenta e compartilha o que se assiste. Graças a este fato, a presente pesquisa pode ser efetivada. Além disso, com o auxílio da ferramenta busca avançada do *Twitter*, fomos capazes de capturar o que os telespectadores estão compartilhando sobre aquele assunto em uma data específica.

Como podemos perceber na análise, ficou evidente uma diferença tanto na recepção dos telespectadores ao rever as novelas, quanto em relação às memórias teleafetivas apresentadas, que serão apontadas ao longo desta conclusão. Em geral, vimos que o laço social de Wolton (1996) ficou latente nesta análise. Além disso, notamos que a memória afetiva realmente acontece, e esta é capaz até de fazer com que o indivíduo goste ou não destas obras.

Na telenovela *Fina Estampa*, podemos perceber que a sua audiência apresenta um carinho e entusiasmo pela reapresentação da novela, citada diversas vezes nos *tweets* analisados, e também se identificam com os atores, atrizes e personagens que eles interpretam. Ficou evidente, também a ansiedade de rever a obra, com a repetição da palavra ‘ansiedade’, diversas vezes. Além disso, os telespectadores apresentaram memória teleafetivas, em relação a sua primeira apresentação. Como mostrado na análise, uma internauta não gostava da novela, pois, na sua primeira apresentação ela estava no hospital e agora na segunda, vivemos a pandemia do coronavírus. Outro, diz que tem uma “memória afetiva”, muito boa em relação à obra e rasgou elogios para as atrizes. Apesar de não ser a maioria, também houve críticas, grande parte delas pedindo a reprise de outras novelas, em vez esta.

Já na telenovela *Apocalypse*, notamos um público menos animado, com duras críticas a novela, seus criadores e diretores da emissora e principalmente, a abertura da novela, onde forma a maioria dos *tweets*. Apesar disso, alguns internautas caracterizaram a obra como

“maior e melhor novela”. Mas claro, como qualquer obra seja televisiva ou não, apresenta apoiadores e críticos. Outro fato que merece ser destacado aqui é a relação que os internautas fizeram ao ver que seria reprisada a novela, levando em consideração que ‘apocalipse’, também apresenta o significado de fim do mundo, com embasamento na Bíblia Sagrada que em seu último livro, conta como será o fim. Então, os indivíduos relacionaram a escolha da Record, com a pandemia de Covid-19, discursando assim, que um dos primeiros sinais seria a pandemia e foi confirmada com a Record TV escolhendo *Apocalipse* para reprisar. Em relação à memória afetiva, não apresentou nenhum *tweet* que seja classificado desta forma.

Estas diferenças esboçadas acima podem ocorrer por três motivos: 1) relevância, 2) qualidade e 3) tempos de apresentação. Ou seja, a Rede Globo apresenta níveis de audiência superiores a Record TV, com isso, muitos nem sabem da reapresentação e existência da novela *Apocalipse* e como consequência, assistem e compartilham menos sobre esta obra. Prova disso, é um pesquisa divulgada pelo grupo Uol e realizada pelo Kantar Ibope, onde mostra que no dia seis de agosto, *Fina Estampa* atingiu cerca de 36,8 pontos, enquanto *Apocalipse* chegou em 6,1 pontos. Apesar de não podermos afirmar, levando em consideração a opinião compartilhada do público, a novela da Record pode apresentar uma qualidade inferior a novela da Globo.

Além disso, outro possível motivo é o tempo de apresentação, ou seja, *Fina Estampa*, faz oito anos desde a sua primeira versão, já *Apocalipse*, apenas dois anos, com isso, por apresentarem um tempo diferente de primeira versão vs segunda versão, podem instigar menos o público a compartilhar as suas memórias.

Por fim, podemos concluir que a novela da Record apresentou uma aceitação menor à obra da Globo, conforme destacado. Outrossim, as memórias afetivas de uma e outra são completamente opostas.

Referências

AMARAL, Yuri. **Fanzines**: Reflexões sobre Culturas, memória e internet. Foz do Iguaçu/PR: Edunila – Editora de Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2018

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 2ª reimp. da 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 1-81. Tradução de: Paulo Neves.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor Ltda, 1979, p. 1-29.

BRESSAN JUNIOR, Mário Abel. **A Memória Afetiva e os Telespectadores: Um Estudo do Canal Viva**. 2017. Tese para o Doutorado em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

_____. **Televisão e espaço de revisitação: a formação de uma memória teleafetiva**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 45, p. 204-226, maio/ago. 2019. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.19132/1807-858320190.204-226>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

BRESSAN JUNIOR, M. A.; COSTAFINGER, C. **A Formação do Laço Social na TV e em Sites de Redes Sociais: As Hashtags Saramandaia e Donaredonda no Processo de Conversão em Rede**. Porto Alegre: Significação, v.41, n° 42, 2014.

CALADO, Álef. **Duas telas: 88% dos brasileiros assistem TV enquanto navegam pela internet**. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/09/16/interna_tecnologia_498931/duas-telas-88-dos-brasileiros-assiste-tv-enquanto-navega-pela-intern.shtml>. Acesso em: 16 nov. 2020.

CANNITO, Newton Guimarães. **A TV 1.5- A Televisão na Era Digital**. Tese para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ECO, Umberto. **“Tevê: a transparência perdida”**. In: ECO, Umberto. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 182-204.

FECHINE, Yvana. **Elogio à programação: Repensando a Televisão que Não Desapareceu**. Em GP TELEVISÃO E VÍDEO DO XIV ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014, Foz do Iguaçu/PR, Itercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2014, p. 1-15.

FONTES, Mario A. S. **A Expressão de Emoções: propostas teóricas e questionamentos**. Revista Intercâmbio, Especial Expressividade, v. XXXVI: 26-38, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora e Consultoria Ltda, 2 ed. 2004, p. 1-41.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Estud. av., São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112, ago. 1989. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 nov. 2020.

LUIS, Jhonatas. **Crise reforça importância do jornalismo**. Disponível em:<<https://www.unialfa.com.br/publicacoes/noticias/crise-reforca-importancia-do-jornalismo>>. Acesso em: 29 de abr. de 2020.

MULCAHEY, Taylor. **10 dicas para cobrir COVID-19**. Disponível em:<<https://ijnet.org/pt-br/story/10-dicas-para-cobrir-covid-19>>. Acesso em: 29 de abr. de 2020.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV – Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1999.

PEREIRA, Mozart Silvano. **O Sentido do Conceito de Ideologia em Marx e a questão da igualdade jurídica**. Revista InSURgência, Brasília: v. 2, n. 1, p. 295-321, 2016.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-2012, 1992.

Redação NT. **Com Griselda heroína, Fina Estampa marca melhor ibope desde final do BBB**. Disponível em <<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/08/07/com-griselda-heroína-fina-estampa-marca-melhor-ibope-desde-final-do-bbb-149055.php>> Acesso em: 22 nov. 2020.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: Temporalidades, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF Editora, 2014.

STYCER, Mauricio. **Reprise de Fina Estampa teve mais ibope que 2 tramas originais de Aguinaldo**. Disponível em <<https://www.uol.com.br/splash/colunas/mauricio-stycer/2020/09/18/reprise-de-fina-estampa-teve-mais-ibope-que-2-tramas-originais-de-aguinaldo.htm#:~:text=A%20m%C3%A9dia%20geral%20de%20audi%C3%A2ncia,as%20s%C3%A9rie%20melhores%20da%20d%C3%A9cada>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.